

Sem Cor¹

Glenda Pinto GARCIA²

Daiane Nogueira BASTISTA³

Elba Kely Oliveira REIS³

Jonathan Brandão RODRIGUES⁴

Lucas Wilame Almeida da SILVA⁵

Rubiele Cavalcante dos SANTOS⁶

Yonah Goés de Souza BARBOSA⁷

Emanoel da Conceição CARDOSO⁸

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, Am.

RESUMO

O ensaio fotográfico “Sem Cor” é o resultado do trabalho realizado por estudantes de jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas em Parintins (Icsez/Ufam). Com base nas teorias e técnicas aprendidas na disciplina de Introdução à Fotografia e no uso da pintura corporal artística este ensaio fotográfico apresenta denúncia e crítica ao poder público pelo abandono da obra onde deveria ser construído a “Casa da Cultura”, e também deveria abrigar a biblioteca municipal Vera Lúcia Simplício.

PALAVRAS-CHAVE: crítica; cultura; denúncia; ensaio fotográfico; parintins.

1 INTRODUÇÃO

“A Casa da Cultura”, que leva até os dias de hoje este nome irônico, é uma obra iniciada na década de 1990 e nunca terminada. O prédio deveria ser uma referência da cultura local tanto para os turistas que visitam Parintins, quanto para que as novas gerações pudessem conhecer a história cultural deste povo tão criativo. Mas a construção está em

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade de Fotografia Artística.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º Semestre de Comunicação Social / Jornalismo, e-mail: glendha_ge@hotmail.com.

³ Estudante do 6º período de Comunicação Social/ Jornalismo, e-mail: daianeebatista.14@gmail.com.

⁴ Estudante do 6º período de Comunicação Social/ Jornalismo, e-mail: sorrisomaiza.kelly@gmail.com.

⁵ Estudante do 6º período de Comunicação Social/ Jornalismo, e-mail: jonathanbrandaorodrigues@hotmail.com.

⁶ Estudante do 6º período de Comunicação Social/ Jornalismo, e-mail: lucas.wilame@hotmail.com.

⁷ Estudante do 6º período de Comunicação Social/ Jornalismo, e-mail: yonahgoes@outlook.

⁸ Orientador do produto. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UFAM\Parintins), e-mail: sueannegcursino@hotmail.com.

ruínas e não pode ser visitada, na verdade é até escondida pelos guias turísticos e por placas de ‘*outdoors*’, devido a situação vergonhosa em que a obra está e representa.

No decorrer dos anos, muitos políticos passaram pela gestão da cidade e não tomaram providências no sentido de reestruturação do prédio. Existem, inclusive, denúncias de desvio de verba, que somariam mais de meio milhão de reais destinados que teriam sido destinados à obra e que, obviamente, não foram investidos na construção.

Tais fatos contribuíram para tonar a Casa da Cultura símbolo da insatisfação da população com a corrupção que gera o descaso pelo patrimônio público, a violência e, principalmente, com a falta de transparência na administração pública. O movimento popular denominado “Parintins sem fantasia” é um exemplo dessa insatisfação. A iniciativa reuniu diversos segmentos da sociedade civil com o objetivo de dar visibilidade às lutas por melhorias na qualidade de vida da população, chamar atenção para outros aspectos que envolvem a sociedade parintinense descentralizando a atenção voltada para a festa dos bois, carnaval e festividades religiosas e denunciar abusos e a corrupção.

Em uma das manifestações do movimento “Parintins sem fantasia” as pessoas derrubaram, com golpes de machado, as enormes placas de publicidade que escondem a obra inacabada, escovaram, pintaram e adornaram o interior da “Casa da Cultura” com painéis e grafites produzidos por artistas locais que pedem transparência na gestão pública.

Este ensaio fotográfico foi produzido com a intenção de simbolizar a decadência de um espaço público que deveria produzir cultura mas que se tornou sinônimo de abandono e descaso. O trabalho utilizou a pintura corporal articulada ao cenário das ruínas e dos quadros de grafite deixados nas paredes, durante a intervenção do movimento Parintins sem fantasia. A proposta é abordar por meio da fotografia associada a uma expressão artística, a realidade do abandono da “Casa da Cultura”.

Existem vários conceitos sobre o que é a fotografia tais como: parar o tempo, cópia do momento, documento permanente, magia, ilusão. Segundo Kubrusly (1991), todas estão certas. Mas além dessas respostas um tanto emotivas, também há referências ao modo técnico no qual a fotografia está inserida.

Dubois (1994) registra que no surgimento da fotografia a busca pela imitação perfeita da natureza atribuiu à fotografia o *status* de espelho da realidade. Depois surgiu a compreensão de que a foto não é fruto de um registro espontâneo e desinteressado da objetiva e sim é antes de tudo fruto da intenção de um sujeito que faz o recorte com base nos modelos de codificação da imagem desenvolvidos pela cultura. Finalmente, Dubois

considera a acepção da fotografia como um traço da realidade, ressaltando o aspecto icônico da foto como registro a luz irradiada pelo objeto em determinado tempo e espaço.

Essa dimensão triádica do ato fotográfico torna esse tipo de registro adequado para realizar a tarefa de exposição de determinada realidade, neste caso, a “Casa das Cultura” de Parintins. Herdeira das técnicas da pintura e fruto de um processo industrial que criou diversas formas e equipamentos de registro, sem falar na intervenção digital, que permitem à fotografia hoje “cobrir mais da vida e das vivências do que antes era possível ou mesmo desejável (FREEMAN, 2013, p. 6).

Freeman (2013) vai além e afirma que tal facilidade gera a impressão de que qualquer pessoa poderia fazer uma foto. Ao mesmo tempo, considera que devido o registro fotográfico ter sido facilitado, mais e mais pessoas passaram a “usar a fotografia seriamente para fins de expressão criativa” (2013, p.6).

Nesse sentido, ainda segundo Freeman, “a tecnologia é fundamental mas o melhor que pode fazer é ajudá-lo a concretizar ideias e percepções” (2012, p. 6). Foi com esse fundamento então que o produto descrito neste *paper* foi desenvolvido, como uma forma de apropriação artística e expressiva da fotografia como significa e denúncia e a crítica propostas.

2 OBJETIVO

Articular as técnicas de fotografia e pintura corporal por meio de um ensaio fotográfico para criar o sentido de denuncia e protesto ao abandono da chamada “Casa da Cultura”, que tinha em seu projeto inicial um local para exposição da história de Parintins e também uma biblioteca, mas nunca teve a construção finalizada.

3 JUSTIFICATIVA

O espaço da “Casa da Cultura” hoje virou lugar de prostituição, consumo de drogas e até mesmo banheiro público. Mas por que até agora ninguém foi punido? Eis uma pergunta que afronta os ‘donos do poder’, porque não se trata da única obra inacabada em razão de possível desvio de dinheiro público. Em Parintins e em outras cidades existem tantas outras ‘obras’, cujos recursos foram desviados antes mesmo de serem iniciadas. As pessoas se mobilizam como podem, seja por movimentos sociais ou outra atividade com o intuito de contestar as práticas corruptas e exigir mudanças que tornem transparente o funcionamento das instituições.

Como parte deste fundamentos o presente ensaio fotográfico coloca em evidência o abandono da “Casa da Cultura” e servirá como ponte para denunciar outros fatores dentro de Parintins. A produção fotográfica e a pintura corporal foram utilizadas como instrumentos de denúncia e protesto em razão da realidade e do contexto envolvendo o desmazelo e o abandono da “Casa da Cultura” e a situação aflitiva de Parintins. A cidade vêm passando por inúmeras dificuldades tais como: o desemprego, as obras inacabadas, a lixeira a céu aberto, a falta de atendimento na área da saúde e ausência de medicações, acidentes frequentes no trânsito por falta de fiscalização, falta de asfaltamento das ruas e outros. A produção acadêmica dará suporte e encaminhará outros tipos de críticas envolvendo essas e diversas temáticas. O que importa é a utilidade deste trabalho para a percepção dos habitantes e o envolvimento mais ativo nas problemáticas parintinenses como a “Casa da Cultura” por exemplo.

4 METÓDOS E TÉCNICA

A idéia de produção deste trabalho surgiu a partir de uma reunião em sala de aula com os membros da equipe e orientação do professor Emanuel Cardoso. O trabalho seria produzir um ensaio fotográfico com imagens em preto e branco, mas a equipe ainda não havia decidido o que realmente fariam. O foco estava em impactar as pessoas mostrando alguma realidade parintinense e assim contribuir socialmente, ou seja, a idéia teria que surgir nesse sentido.

Então chegou-se à conclusão de colocar arte e foto unidas, para retratar a realidade vergonhosa da “Casa da Cultura”. A pintura corporal marcante, com traços sombrios faria o impacto desejado. Com isso foi feito o contato com estudante de Artes Visuais da Ufam Parintins, Irlan Carvalho para o auxílio nesse aspecto. Ao dar início as atividades começaram as dificuldades, cada pintura levava em média, uma hora e meia para serem concluídas e só havia um pintor, por esse motivo o ensaio fotográfico durou dois dias para ser concluído. Durante uma fotografia e outra a equipe precisava esquecer o odor que vinha do local, transformado em banheiro público e olhar onde pisava, já que era necessário desviar dos preservativos e roupas íntimas no chão, sem contar na lama que ficava depois da chuva.

Todavia seria justamente esse incômodo que deveria ser transmitido na composição das fotos. O espaço completamente sem vida que a “Casa da Cultura” se tornou, foi se encaixando com a pintura sombria nos modelos. Foram aproveitados como elementos

compositivos na construção das fotografias, as pichações de artistas parintinenses feitas nas paredes do local em forma de protesto o que contribuiu significativamente para a construção do sentido desejado.

Destacar as técnicas de fotografia e evidenciar a pintura corporal ao mesmo tempo foi um desafio, algumas vezes o destacado era somente a maquiagem, os planos e ângulos eram esquecidos, outras fotos tinham enquadramentos que deixavam de lado os modelos pintados. Em se tratando das técnicas fotográficas, não foi utilizado o flash, pois a iluminação do local estava adequada, além disso, a falta deste recurso maximizou o efeito dramático nas fotografias, e favoreceu profundidade de campo, sem contar que as fotos não ficaram estouradas.

Como citado anteriormente, o trabalho de caráter experimental se tornaria parte da nota na disciplina, então deveria ser cumprido o critério das fotos em preto e branco. “Longe de serem imagens sem cor, as imagens em p/b fazem parte do mundo físico visual como “chaves” na construção perceptiva cromática de cada indivíduo, fazendo explodir cores subjetivas e particulares.” (SILVEIRA, L, M. 2002, p.175). Este trecho da tese de doutorado de Luciana Silveira é interessante por demonstrar a maneira como que é tratada a construção mental do mundo em cores, sem que haja nenhuma a sua frente. Cada pessoa constrói sua reflexão sobre as fotografias com base em sua bagagem cognitiva. A função do fotógrafo é criar a composição o mais próximo possível do sentido desejado.

Para isso os planos utilizados foram: plano médio, próximo e *close*. Eles foram escolhidos com o objetivo de atrair a atenção para as pinturas, já que apenas o rosto e parte do tronco estavam pintados. Entretanto na foto de número 07 (sete) foi usado o plano conjunto para utilizar a pintura de forma completa que estava na parede do local com o posicionamento da modelo, ou seja, pelo o efeito compositivo que gerou. Entretanto há fotografias que estão em plano médio, mas que também podem ser consideradas em plano conjunto, o motivo é o enquadramento composto com as pichações nas paredes.

A foto de número 04 (quatro) se destaca na concepção do grupo, por ela ter sido tirada de baixo para cima, ou seja, no ângulo contra *pongé*. A escolha desse ângulo foi para mostrar a precariedade do local, apresentando a falta de teto do prédio e dar uma superioridade simbólica à figura humana representada pela modelo. Nesta fotografia dá para visualizar os raios solares entrando no ambiente, em que metaforicamente é comparado com a vida entrando em contato com sua ausência na “Casa da Cultura. Observa-se também a parede gasta pelo tempo, cheia de limo e a tinta saindo, o que torna a pintura da modelo

parte do local, é como se o preto e branco da foto, unisse a expressão artística com a aparência deixada pelo passar dos anos no muro. Na foto de número 06 (seis), outra vez colocamos em evidencia a falta de estrutura do local, o modelo Jonathan Brandão está atrás de uma das paredes do prédio. Dessa vez a pintura corporal, trás troncos cortados desenhados no ombro do modelo como forma de evidenciar a interrupção do processo cultural que poderia estar sendo proporcionado pela “Casa da Cultura”, mas a obra abandonada pode ser comparada a uma floresta desmatada sem esperança de vida. Ainda nesta foto os olhos escuros evidenciam morte, juntamente com a forma simbólica de terra seca na testa do modelo para mostrar a falta de vida.

O resultado foi surpreendente, não se esperava que cumprisse exatamente com o foco inicial de impactar com alguma realidade da cidade. Depois de pronto, o ensaio “Sem Cor” fez parte da exposição com o tema “Imaginário” organizada pelos acadêmicos do 4^a período de jornalismo, no dia 25 de agosto de 2014 no *hall* do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, juntamente com os outros ensaios fotográficos da turma.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O ensaio fotográfico “Sem Cor” contém 10 (dez) fotografias que podem ser visualizadas em mídia ou impressas, no qual retrata através da pintura corporal o esquecimento do prédio da “Casa da Cultura”, local onde o ensaio aconteceu. O trabalho aconteceu nos dias, 12 e 13 de agosto de 2014, de 14h às 18h. Foram utilizadas 02 (duas) câmeras fotográficas da marca *Canon, Rebel xls* sem o uso do *flash*. O programa de edição usado para transformar as fotos em preto e branco e medir a tonalidade de cinza existente nas imagens, foi o *Picasa*. A modelo parintinense Aline Silva foi convidada para ser um dos personagens do ensaio e também houve a participação de Jonathan Brandão e Rubielle Cavalcante, componentes da equipe no produto experimental.

6 CONCLUSÃO

Este ensaio fotográfico critica não só o desleixo encontrado no prédio abandonado chamado de “Casa da Cultura”, mas também todas as formas de opressão e mau uso dos cofres públicos. O presente trabalho foi inspirado nas manifestações já existentes no local através das pichações e dos movimentos que infelizmente até agora não mudaram o quadro encontrado.

O ensaio fotográfico trata de forma diferenciada o abandono da “Casa da Cultura” e serve como estímulo para a continuidade dos movimentos sociais e participação em massa dos habitantes de Parintins nas manifestações contra o poder público e a favor de melhorias no município.

É importante frisar que a produção experimental foi útil para os comunicadores em formação estimularem o senso crítico e criativo com base nas discussões da realidade. A narrativa utilizada por meio do ensaio fotográfico instigou a concepção de cada aluno participante, que através de pesquisas e busca de conhecimento a respeito do problema puderam formar e expor seu ponto de vista.

REFERÊNCIAS

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papyrus, 1994.

FREEMAN, Michael. **A visão do fotógrafo: entendendo e apreciando grandes fotografias**. Porto Alegre, SC: Bookman, 2013.

FREEMAN, Michael. **O olhar do fotógrafo: composição, enquadramento e designe para obter as melhores fotografias digitais**. 2ª Ed, Lisboa, Portugal: Dinalivro, 2012.

KUBRUSLY, Cláudio. **O que é fotografia?** 4ª Ed, São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1991.

SILVEIRA, L. M. **A Percepção da Cor na Imagem Fotográfica em Preto-e-branco**. Tese de doutorado, São Paulo: PUC-SP, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Os três paradigmas da imagem**. Editora: Iluminuras Ltda. 1997.

24HORAS. **Casa da cultura em Parintins**. Disponível em:
<www.24horas.com/wilsonnogueira/blogespot>